

INTRODUÇÃO

Deus, no percurso da história, sempre se comunica com as pessoas que estejam abertas para acolher essa revelação. A autocomunicação do Criador deve sempre estar presente aos seres humanos com a condição prévia da possibilidade de sua acolhida. A autocomunicação divina acontece na História, onde é interpretada. Diante do percurso da história da humanidade, Deus, sempre se faz presente manifestando o seu amor e sua presença salvífica aos seres humanos.

O Senhor manifesta-se ao seu povo de diferentes modos, através da Palavra. Todos as pessoas, por sua essência espiritual, estão propensas a uma abertura ao Criador. Com isso, a transcendência do homem é querida de antemão como o espaço de autocomunicação de Deus.

Assim, o Pai revela-se como Sentido Radical da vida humana. Se toda experiência religiosa é uma experiência do Sagrado, certamente é uma vivência de encontro que é entendida como um momento que tem como objetivo maior a união com Deus enquanto mistério e graça. Esta é uma experiência do Sentido, que requer a pessoa inteira, em uma consciência que apreende, assimila e interpreta a vivência, não se contentando com a sensação afetiva e catártica que ela provoca.

O ser humano, ao fazer a experiência de ouvir e ser alimentado pela Palavra, é convidado a transmiti-La, ir ao encontro dos que mais precisam. A salvação, depois de experimentada, deve ser anunciada. Assim, diante da realidade, de que o homem é um ser propenso a um diálogo com Deus, dois questionamentos foram referenciais ao refletir essa temática e a estruturar todo o trabalho: o que é o homem e qual é o sentido da vida? Qual é a experiência do encontro com Deus? e quão intensamente os seres humanos têm entendido e vivenciado a experiência do encontro com o Senhor no hoje de sua existência, mesmo diante de realidades desafiadoras da vida?

A pesquisa tem como objetivo geral apresentar a experiência do encontro entre Deus e o Homem. À vista disso, procura-se responder como se dá essa vivência de encontro entre o Deus que se revela ao ser humano no contexto atual. A relevância dessa pesquisa consiste em demonstrar, que ao longo da história Deus se comunica e encontra cada pessoa humana, e que a experiência do encontro entre Criador e criatura, é fundamental para o sentido da vida.

O SENTIDO DA VIDA, EXPERIÊNCIA HUMANA FUNDAMENTAL NO PENSAMENTO DE KARL RAHNER

O ser humano é um ser de sentido. Distingue-se no mundo quando, em meio às determinações da vida, questiona-se sobre si mesmo. Não se adaptando às imposições biológicas ou sociais que vem do exterior, coloca a si mesmo em questão. À diferença de outros seres, o humano é um ser que não se restringe a essa condição de ser determinado pela natureza e pela história. Percebendo-se como “fruto do que lhe é estranho” olha para si e pergunta: qual o sentido de tudo isso? Nesse momento, reflete Karl Rahner, nasce o humano, ser de transcendência vocacionado a realizar-se no exercício da liberdade e responsabilidade.

Ao se colocar analiticamente em questão e abrir-se para o horizonte ilimitado de semelhante questionamento, o homem já transcendeu a si mesmo, bem como todas as dimensões pensáveis dessa análise ou de autorreconstrução empírica de si. Ao fazê-lo, afirma-se como quem é mais que a soma desses componentes analisáveis de sua realidade. Precisamente essa consciência de si, esse confronto com a totalidade de todos os seus condicionamentos, o fato mesmo de estar condicionado evidenciam que ele é mais do que a soma dos seus fatores.¹

Essa consciência de si como totalidade aberta, no entanto, só se explica, esclarece Rahner, na medida em que se considera que, em sua relação com o mundo, o humano capta-se a si mesmo como parte de uma realidade que o transcende, como ser diante do Mistério, essa realidade que tudo abarca, infinitude e densidade que se encontra no mais exterior e no mais interno de todas as coisas, o Mistério de onde tudo vem e para onde tudo vai. O humano é, portanto, sujeito e pessoa livre e responsável, na medida de sua abertura para esse Mistério Santo, aquele que confere sentido à sua vida.

Como ser aberto à transcendência, o humano faz a experiência da liberdade. A liberdade não é um dado particular, mas é fruto da experiência transcendental da subjetividade. “Enquanto o homem por sua transcendência se encontra em abertura total, é também responsável por si. Está entregue a si não só quando conhece, mas também quando age. E neste estar entregue a si mesmo percebe-se como responsável e livre.”² A liberdade transcendental é a responsabilidade última da pessoa por si mesma e tem como mediação os desafios históricos. Responsabilidade e liberdade são experiências do sujeito

¹ RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989, p.43

² RAHNER, 1989, p.50.

que se percebe como sujeito, como ente que, por sua transcendência, possui originária e indissolúvel unidade e presença de si mesmo perante o ser.

O SER HUMANO CONTEMPORÂNEO

O Concílio Vaticano II recomendou como ponto de partida da dogmática uma questão básica: “o que é o homem³?”, questão que traz consigo desafios para a teologia. Contudo, a teologia não pode transformar-se em antropologia, pois o seu objeto é Deus (teo-logia).⁴ Com isso, ao longo da história muitas são as opiniões acerca do ser humano. A teologia interessa-se por tudo o que diz respeito ao ser humano e ao modo como ele se manifesta no mundo. Precisamente, o Deus que se manifesta e se revela na plenitude dos tempos, assim o faz na pessoa de Jesus, nos seus condicionamentos históricos e temporais.

Um discurso sobre Deus no qual o ser humano é constitutivo e inseparavelmente compreendido numa relação. Não há, portanto, discurso sobre Deus que não passe, ao menos, no começo, pelo ser humano. A própria palavra ‘Deus’ só existe para mim porque é pronunciada pelo ser humano.⁵

O salmo 8 é um canto de admiração a Deus pela beleza da criação. No centro desse salmo, no versículo 5, está uma pergunta crucial: “O que é o ser humano?”. Essa pergunta manifesta o espanto humano diante da percepção de si mesmo em face do seu enigma e mistério.

O SI 8 oferece uma boa explicação: A dignidade ímpar do ser humano e sua proximidade com Deus consistem em que foi coroado com a glória e a honra de Deus e toma parte no poder soberano (salvífico) de Deus sobre a criação, exercendo-o em seu nome.⁶

Da mesma forma, Jó, exclamou: “Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração, e cada manhã o visites, e cada momento o proves?” (Jó 7,17-18). No fundo, trata-se de uma provocação à própria existência. “Deus é visto como tendo uma ideia sobre o ser humano; ele é um definidor do ser humano”.⁷

³ O termo “homem” aqui tem o sentido de raça/gênero humano.

⁴ GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 29.

⁵ GESCHÉ, 2003, p. 31.

⁶ MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Tradução Petrópolis: Vozes, 2015. p. 93.

⁷ GESCHÉ, 2003, p. 31.

É de conhecimento geral que a dimensão religiosa, constitutiva da humanidade, fez com que, ao longo das épocas, as pessoas procurassem as religiões no intuito de obterem respostas mais consistentes sobre a vida. No entanto, esse movimento é bastante interessante porque revela a compreensão que o ser humano possui da transcendência. No fundo, o mundo imediato e material não é e nunca foi suficiente para dar conta da sede de sentido que todos possuímos. Por isso, a pergunta feita no salmo não somente nos faz pensar no gesto criador de Deus, mas no lugar que o ser humano ocupa na criação.

Existe, pois, uma diversidade de respostas a esta pergunta fundamental. Ora o ser humano exalta-se a si mesmo como regra absoluta, ora se degrada até o desespero. Daí sua hesitação e angústia. A Igreja percebe estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhe uma resposta, na qual se delinea a “verdadeira condição humana, explicam-se as suas fraquezas e ao mesmo tempo se reconhecem de modo correto sua dignidade e vocação”⁸, Gerhard Muller expressa:

Justamente por causa do ser humano, o encontro pessoal e dialogal não pode deixar para trás a estrutura comunitária, histórica e linguística de sua mediação, para ficar “a sós” com Deus na solidão de uma subjetividade diante do mundo (identidade apriorista da consciência com Deus, coordenação dualista do corpo do ser humano com o mundo e do espírito com Deus). Justamente por causa da constituição material própria da natureza do ser humano, confirmada pela automediação de Deus ao ser humano no acontecimento histórico da encarnação, é que o acesso à imediatez de Deus somente se dá na nova passagem pelas formas e configurações da mediação.⁹

Na contemporaneidade, em tempos em que os valores evangélicos perderam importância diante de tantos outros valores, onde a vivência comunitária da fé já não tem mais sentido, a Igreja não pode deixar de anunciar essa Palavra, e por isso deve atualizar sua linguagem para atingir o coração dos homens. No percurso da história, o ser humano está mudando. Com a advento da tecnologia, a relação humana mudou, assim como o modo dos homens e mulheres se relacionarem com Deus.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas repercutem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto com a relação às coisas e as pessoas.¹⁰

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 550; GS 12.

⁹ MÜLLER, 2015, p. 49.

¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 543; GS 2.

Com as mudanças ao longo dos anos, é muito perceptível que o modo de pensar e agir dos seres humanos está cada vez mais secular. A partir do início da época moderna, como foi dito, ele excluiu sistematicamente Deus da política, ciência, arte, moral, direito e um pouco também de todas as manifestações da vida social, limitando a religião quando muito à esfera particular.¹¹ O Documento de Aparecida diz:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, na sua relação com mundo e com Deus; ‘aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas. Surge hoje, com grande força, uma supervalorização da subjetividade individual [...]’.¹²

Com as transformações de mentalidade e de estruturas, que põe muitas vezes em questão os valores tradicionais que são passados de geração em geração, sobretudo no caso dos mais jovens, que se tornam frequentemente individualistas. Desse modo, existe um afastamento de Deus.

O ser humano, por sua essência espiritual, é propenso para uma abertura ao Ser Divino. Cada sujeito busca a transcendência como o espaço de autocomunicação de Deus, pois foi criado para ser o destinatário do amor do Pai. O desejo de relacionar-se com o ser humano é premeditado por Deus, que quer comunicar a si mesmo com suas criaturas.

Assim como Jesus, enviado pelo Pai e ungido pelo Espírito,¹³ encarnou-se na sociedade e cultura de seu tempo, também a Igreja deve se encarnar no período atual. A geração de nosso tempo é a forma de vida chamada de contemporaneidade. Como a cultura no tempo de Jesus, ela oferece oportunidades e desafios para a missão da Igreja. Seguindo o exemplo de Jesus, a Igreja deve se encarnar de forma crítica no período atual.

A tarefa fundamental da teologia é estabelecer uma clara sintonia entre a mensagem da salvação, de um lado, e as instâncias, a mentalidade, a visão das coisas, a linguagem, os problemas humanos de determinado momento histórico e de um dado ambiente cultural, de outro. [...] A finalidade de toda pregação, assim como de toda a teologia, é aproximar o Evangelho do mundo ‘moderno’, onde sempre volta a situar-se.¹⁴

Antes de seguir adiante, é importante considerar o cenário geral em que o homem atual se encontra. Trata-se do cenário resultante da modernidade, marcado pela forte

¹¹ MONDIN, Battista. **Antropologia Teológica**: História, problemas e perspectivas. Tradução de Maria Luiza Jardim de Amarante. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 50.

¹² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. V, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida: texto conclusivo. 8. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 3; DAp. 44.

¹³ Mt 3,16-17.

¹⁴ MONDIN, 1979, p. 45.

valorização da razão, pelas descobertas e avanços científicos. Ao lado do futuro promissor, incitado por estes fatores, estão também os fracassos, os descréditos e os sofrimentos que envolveram a humanidade¹⁵. Neste contexto, a *Gaudium et Spes*¹⁶ afirma que as “rápidas e profundas transformações que afetaram a humanidade incidiram diretamente sobre o homem sobre seu modo de pensar e agir”.¹⁷

Por causa dessas profundas transformações, o autor Mondin concorda em dizer que a humanidade hoje vive uma nova época, chamada por alguns de “pós-modernidade”. Ela é marcada pela fragmentação do sujeito, pautada pelo consumismo, afetada pelas inseguranças decorrentes das verdades abaladas, descrente das grandes sínteses e, por estas razões, vive em uma profunda crise de sentido¹⁸. Neste cenário, é preciso repensar a finalidade de toda pregação ou teologia que é justamente atualizar ou “aproximar o Evangelho do mundo moderno, onde sempre volta a situar-se”¹⁹.

Essa tarefa é possível conhecendo o homem atual, bem como suas perspectivas e esperanças. No final das contas, o critério hermenêutico para a atualização da mensagem acaba sendo o homem. Mas qual homem? Aquele dos nossos dias, com todos os traços que lhe são típicos, com toda complexidade em que está envolvido e com todas as perspectivas e esperanças que o movem, o que o torna, “[...] o homem moderno é instável e mutável”.²⁰

A secularização é um fenômeno típico dessa época. Neste período, ao menos no mundo ocidental, o ser humano apresenta-se como verdadeiramente autônomo e responsável por sua situação global²¹. Este fenômeno cultural é o resultado de um longo e complexo processo histórico, cujas raízes últimas são numerosas e de natureza bem diversificada.

Nas narrativas bíblicas constituem forças históricas de grande eficácia enquanto agentes de secularização, ao demitizarem a natureza cósmica e responsabilizarem eticamente o homem por sua existência e seu destino. “A ciência e a técnica mudaram a

¹⁵ MONDIN, 1979, p. 45.

¹⁶ *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo é a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde ela está e atua.

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 546; GS 4

¹⁸ MONDIN, 1970, p. 46.

¹⁹ SILVA, Mário Correia da. **Homem, que dizes de ti mesmo à Igreja?** Características do homem que desafia a Igreja do Vaticano II. De *Magistro de Filosofia*, ano 10 n. 22. p. 143. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/homem-que-dizes-de-ti-mesmo-%c3%a0-igreja-caracter%c3%adsticas-do-homem-que-desafia-a-igreja-do-vaticano.pdf>>.

Acesso em: 10 mai. 2022

²⁰ MONDIN, 1979, p. 47.

²¹ MONDIN, 1979, p. 47.

face da terra durante os últimos séculos, arrebatando-o em suas espirais e arrastando-o para maneira de ver e fazer cada vez mais novas”²².

O resultado mais evidente desse processo seria a crise de credibilidade das religiões, tanto na realidade objetiva quanto na consciência dos homens.²³ A secularidade coincide com um processo de real emancipação da vida humana e da razão histórica, em relação a um certo modo de entender o saber rigoroso e também em relação modo de viver a religião, no âmbito pessoal e social, “uma marca” é antidogmático e anti tradicional.²⁴ O processo secularizante procura entender os diversos setores vitais de maneira inerente à própria realidade humana, sempre mais diferenciada, independentemente dos axiomas metafísicos e também de certa norma religiosa do passado, com isso, “[...] a ideia de tradição foi substituída pela de evolução e progresso”.²⁵

Levando em consideração este pressuposto é possível começar a perceber que a civilização humana está enfrentando um novo momento de configuração social. Isto se caracteriza pela crise da identidade, que traz como um dos pontos fundamentais a fragmentação humana e gerando a fragilidade dos laços afetivos, o sentir-se extremamente livre em todas as manifestações de sua vida política, social, religiosa, moral, econômica, afetiva, comunitária, etc.²⁶

Os grupos sociais, já não precisam de bases fixas, o encontro ocorre, sobretudo, por meio das redes virtualizadas de computadores, as amizades existem e deixam de existir através de um toque em um botão. Sendo assim, as identidades socioculturais, que os indivíduos reproduziam localmente, estão cedendo espaço às interações informatizadas.

A cultura moderna é caracterizada principalmente pela racionalidade, desenvolvimento tecnológico, relações de poder, formas de comunicação, agilidade e precisão²⁷. Além disso, o próprio processo de secularização torna-se problemático quando a *autonomia* secular choca-se com uma forma ilegítima de *heteronomia*, política, cultural e religiosa, e também com a própria *teonomia* enquanto tal, isto é, com a própria irrupção do incondicionado no sagrado, transformando-se numa ideologia programática da negação do absoluto e do divino, assim, Mondin, afirma que existem:

Dois elementos essenciais: (a) de um lado, a secularização admite não fazer Deus intervir na explicação do universo e nos acontecimentos que

²² MONDIN, 1979, p. 47.

²³ OLIVEIRA, A. Secularização e mercado religioso em Peter Berger. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. FURG – Carreiro. v. 4 n. 7, p 7- 26, jul. 2012. p. 18. Disponível em: <<https://seer.furg.br/rbhcs/article/view/10463>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

²⁴ MONDIN, 1979, p 48.

²⁵ MONDIN, 1979, p. 49.

²⁶ MONDIN, 1979, p. 49.

²⁷ MONDIN, 1979, p. 50.

dizem respeito ao mundo e ao homem; (b) de outro lado, procura dirigir empenho e preocupações decididamente para o mundo, para o século, para as realidades terrestre, cuja beleza, grandeza e valor já aprendeu a apreciar.²⁸

Este homem é marcado pelo secularismo, a sua mais forte e influente característica, com dois traços básicos: a autonomia e o empenho para as realidades terrenas. Outra característica do homem secular é construída por seu interesse pela vida presente, em concretude, e historicidade, prescindindo da nostalgia do eterno e rejeitando um modo puramente contemplativo de viver a religião. Da mesma forma o homem secular perde o interesse pelo universo das ideias eternas, concentrando sua atenção na fenomenologia e na dinâmica daquilo que é verificável e controlável. Com isso, sente-se maduro, pois “aprendeu a fazer tudo por si, a governar-se sozinho, resolver os problemas sem recorrer a um ser superior”.²⁹

Por isto, o homem secular adere facilmente a uma forma de empirismo pragmático, que o faz valorizar mais os fatos do que as grandes teorias metafísicas, políticas ou religiosas. O ser humano (moderno) tornou-se criticamente pragmático, no sentido de que só aceita o que lhe é proposto se nisto perceber nítida utilidade e funcionalidade para o seu bem pessoal e social.³⁰ Na cultura moderna, a vida perde algumas características fundamentais do mundo arcaico, passando através de um processo de eclipse, no que concerne às formas tradicionais de experiência do sagrado.

A vida, individual e social, torna-se mais racional e mais profana, acentuando sua separação, ou, também, sua ruptura com numerosas crenças do passado religioso ou cultural. Observamos que “[...] numerosas funções vitais emancipam-se da tutela das instituições religiosas, dando lugar a uma certa dessacralização da realidade cultural ou social, interessam pelos resultados: é realista e pragmático”.³¹ Isto pode significar tanto uma forma de decadência religiosa, quanto uma forma de purificação profética da própria experiência de fé.

A pretensa eliminação do religioso, enquanto referência a uma “origem transcendente divina, provoca, a absolutização do mundo na sua factualidade, seja enquanto absolutização da natureza, seja enquanto absolutização da lógica racional ou de sistemas científicos”.³²

²⁸ MONDIN, 1979, p. 50.

²⁹ MONDIN, 1979, p. 51.

³⁰ MONDIN, 1979, p. 53.

³¹ MONDIN, 1979, p. 55.

³² DUQUE, João Manuel. Ambiguidades da secularização entre modernidade e pós-modernidade. **Comunicação & Cultura**: Revista da Universidade Católica Portuguesa, Portugal, v. 11, n.º 11, 2011, p. 19-35 p. 29. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/551>>.

Para poucos interessam os discursos sobre a vida eterna, uma vez que muitos se sentem instigados a se contentar e a desfrutar da vida boa na terra. Assim, a forma predominante da religiosidade contemporânea, quando há, é a da busca imediata pela solução dos problemas. Aquilo que a ciência, a técnica e a política não conseguem resolver, a religião soluciona por meio dos milagres. As curas das necessidades da saúde física, saúde emocional, amor e companheirismo não são supridas adequadamente na sociedade hodierna, falta empatia pelos sofrimentos dos outros, o mais importante é o “eu”. Todos os seres humanos são chamados a procurar a verdade, sobretudo naquilo que diz respeito a Deus e à sua Igreja e, depois de conhecê-la, a abraçá-la e praticá-la. Este dever decorre da própria natureza dos seres humanos.³³

A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO COM DEUS

Deus é o Mistério Santo que permite ao humano conhecer-se como ser de transcendência. Sem Deus, não existiria para o humano a Totalidade e a realidade se reduziriam a um conjunto de preocupações parciais. Sem Deus, o homem ficaria metido no mundo e em si mesmo e não se realizaria como ser de liberdade e responsabilidade, seria apenas um animal engenhoso.³⁴

Ao nos afirmarmos como sujeitos e pessoas livres e responsáveis, fundados nesse Absoluto que se oferece e que nos abre à transcendência, afirmamos ao mesmo tempo, por analogia, o ser pessoal de Deus que é o fundamento da pessoa que somos chamados a ser. O conhecimento de Deus como pessoa se dá, entretanto, quando experimentamos, em nossa experiência histórica, “Deus que quer encontrar-se conosco e se tem encontrado conosco em nossas histórias individuais, na profundidade de nossas consciências, e na totalidade da história humana”³⁵. Quando somos afetados por sua presença amorosa junto a nós, conhecemos Deus por experiência. Experiência de Deus revelada ao homem, é a percepção da realidade de Deus que vem a nós e nos atrai à comunhão que terá como fruto o amor:

“Experiência”: sob esse termo entendemos a percepção da realidade de Deus vindo até nós, ativo em nós e por nós, atraindo-nos a si numa comunhão, numa amizade, isto é, num ser um para o outro. Tudo isso,

Acesso em: 03 mar. 2022.

³³ CATECISMO..., 2011, p. 554, CIgC 2104.

³⁴ RAHNER, 1989, p. 65

³⁵ RAHNER, 1989, p. 95.

é claro, quem da visão, sem abolir a distância na ordem do conhecimento do próprio Deus, mas superando-a no plano de uma presença de Deus em nós como fim amado de nossa vida: presença que se torna sensível através dos sinais e nos efeitos da paz, alegria, certeza, consolação, iluminação e tudo aquilo que acompanha o amor. (...) Na oração, na prática dos sacramentos da fé, na vida da Igreja, no amor de Deus e do próximo, recebemos a experiência de uma presença e de uma ação de Deus nos chamados e nos sinais que nos são mostrados.³⁶

A experiência de proximidade imediata de Deus é, portanto, sempre mediada pela relação com o mundo e com os outros, uma vez que Deus está em toda a parte, pois é quem tudo fundamenta. Tudo o que, em nossa experiência histórica, nos abre ao Mistério revelado que, desde sempre, se oferece a nós para que possamos nos realizar como seres de liberdade e responsabilidade é, para nós, experiência de Deus. “Deus situa-se além de todos os nomes e imagens de forma eminente-divina e por nós não descritível, tudo o que se pode encontrar de bom, verdadeiro, e belo no mundo dos homens e de sua história.”³⁷ Desde modo, privar-se da revelação de Deus, de sua comunicação e encontro, equivale a morrer, pois o ser humano se entende existindo vivo apenas na relação com o Criador.

O caminhar humano em direção ao Senhor encontra-se com o movimento divino em direção ao humano, e é essa a dinâmica, pois Deus não é insensível, está presente. O Senhor não está à margem das dores, angústias e lágrimas de seus filhos, Ele não somente nos ampara no sofrimento, mas participa dele. “Deus sofre conosco, Deus sofre em nós, Deus sofre por nós: essa experiência de Deus revela o Deus unitrinário”.³⁸ O clamor de toda criatura é o mesmo do próprio Senhor: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes” (Sl 21,2). Da mesma forma que o Pai se revela compassivo e amoroso, Ele nos chama a assumir uma atitude de compaixão e misericórdia, sendo presença no sofrimento daqueles que padecem, através da solidariedade.

Olhando para a realidade atual é possível constatar que a injustiça aumenta entre as pessoas e em diversos países do mundo. Esta situação interpela todos os seres humanos, pois as dores adquirem rostos concretos: adultos e crianças são encontrados imersos em diversas situações de sofrimento físico ou moral e assim nos deparamos com o mistério da cruz. Deus entra na vida do ser humano para salvá-lo, libertando-o e possibilitando-lhe enfrentar o mal e o sofrimento. Destarte, Deus não é indiferente, não é impassivo, mas Ele se deixa afetar pelo sofrimento dos seus filhos num encontro verdadeiro, de fé. É um

³⁶ CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. Tradução de Euclides Martin Balancin. São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção: Creio no Espírito Santo, n.1. p. 13.

³⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: Revelação de Deus*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994. p. 107.

³⁸ MOLTMANN, 2011, p. 20.

amor que se esvazia e respeita até o fim a nossa liberdade e não cessa de nos chamar à conversão.

Quando o homem, pela fé, experimenta como Deus o experimentou e ainda o experimenta, então Deus para ele deixa de ser a causa abstrata do mundo ou a origem desconhecida do seu sentimento de total dependência, passando a ser o *Deus vivo*. A si mesmo se reconhece no espelho do amor, do sofrimento e da alegria de Deus. Na sua experiência de Deus, experimenta algo da experiência de Deus com ele, parcialmente como que ‘através de um espelho opaco’. Quanto mais entende a experiência de Deus, tanto mais profundamente se lhe revela o mistério da *paixão de Deus*.³⁹

O sofrimento consiste num sentimento de perda, de dano ou de falta, tanto física quanto espiritual. A todos os níveis de existência humana, o sofrimento constitui um problema religioso, já que impõe a quem sofre várias perguntas: como evitar o sofrimento? Por que Deus não criou o mundo sem dor? Por que existe o sofrimento? Esses questionamentos representam algumas das angústias mais universais e antigas da humanidade, e por vezes não é fácil perceber o agir divino na história humana, repleta de sofrimentos causados pela fome, guerra, doenças, explorações, desastres, perseguições, violência e marginalização.

Com isso, pode parecer contraditório conciliar o sofrimento humano com o mistério de um Deus amoroso. “Enquanto o Senhor suporta o mal, converte-o em bem”.⁴⁰ A Sagrada Escritura ensina que o Pai convive com suas criaturas e “[...] escuta os clamores de um povo que sofre, é um Deus compassivo” (cf. Ex, 3,7-9). Diante dessas realidades, é necessário entender o silêncio, que se torna o eixo da questão, que relaciona Deus e o sofrimento humano. O silêncio não significa ausência; é uma forma de comunicação, que ao ser descoberta por nós transforma nossa maneira de relacionar-nos com Deus. O silêncio é um grito tão forte que ensurdece, paralisa as pessoas que o escutam.⁴¹

O silêncio é condição fundamental e essencial de tudo o que vive, cresce e se modifica. Silenciar não denota imobilidade.⁴² Ele é a ação de calar-se diante de uma realidade. O silêncio é um mistério; desconhecemos qual é a Palavra. Mas, seu poder está em ser escutado e percebido, assim como no encontro de Deus com Elias, no Horeb, o Senhor se manifestou em um “[...] ruído de uma leve brisa” (1Rs 19,12).

³⁹ MOLTSMANN, 2011, p. 20.

⁴⁰ MOLTSMANN, Jurgén. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 47.

⁴¹ SPOTO, Donald. **Em silêncio**: por que rezamos. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 215.

⁴² SPOTO, 2015, p. 2015

O silêncio nos traz a oportunidade do questionamento e tal experiência nos remete à Palavra, que coloca o homem no limiar de sua existência.⁴³ Ao mesmo tempo em que descobrimos e alimentamos nossa fé a partir da Palavra, que remete ao seu início, sua origem: o silêncio,⁴⁴ descobrimos, assim, a dinâmica da revelação de Deus.⁴⁵ Diante da dor e da morte, constata-se o silêncio humano que se encontra com o divino, nos “instantes mais profundos a revelação de Deus há sempre um sofrimento: o clamor dos cativos no Egito, o grito estertor de Jesus na cruz, os suspiros por liberdade de toda a criação oprimida”.⁴⁶

Ao experimentar Deus em nossa realidade, e ao aproximarmos dos que sofrem, temos a certeza de que Deus age mediante nossa liberdade e se revela através de nossas ações. Essa posição faz com que repensemos a concepção de Deus como Aquele que intervém em casos particulares, para um Deus solidário que está sempre presente na vida humana, que nos apoia nas lutas contra a dor e a derrota. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos seres humanos de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.⁴⁷ É necessário estar presente na vida daqueles que mais precisam de cuidados e, a não ser indiferentes com essas situações.

Cristo é o sinal de nossa esperança, sem ficar indiferentes a tantas ações negativas de exploração, opressão, injustiça que acometem a nossos irmãos e irmãs. É mister seguir o exemplo do Bom Samaritano, olhar e ter compaixão e cuidar dos mais necessitados.⁴⁸ Com efeito, Deus se comunica com sua criação, na sua onipotência paternal pela maneira com que cuida de nossas necessidades.⁴⁹ Deus, assim como em outros momentos da história, se autocomunica e espalha suas sementes de amor à humanidade.

O Senhor nos mostra, que mesmo diante do sofrimento, não estamos sozinhos, Ele se compadece com nossa dor, com nossos sofrimentos, responde a cada pessoa humana, neste período atual, expressando, “não temas, por que estou contigo” (Is 43,5). Portanto, inspirou e ainda inspira inúmeros movimentos, organizações e pessoas a se mobilizarem para atenuar o sofrimento dos que padecem, Deus não abandona os seus filhos, mas comunica diariamente seu amor, pois age continuamente na história humana, está indo ao encontro de todos os filhos.

⁴³ MOESCH, Olavo. **A palavra de Deus**: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 24.

⁴⁴ Cf. Gn 1, 1-2.

⁴⁵ Cf. Sf 1,7.

⁴⁶ MOLTSMANN, 2011, p. 20.

⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 538; GS 1.

⁴⁸ Cf. Lc 10, 25-37.

⁴⁹ CATECISMO..., 2011, p. 81; CIgC 270.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com Deus, por sua vez, torna-nos cada vez mais humanos. No entanto, essa experiência não é imposta, é livre, é o mais puro e genuíno amor. Toda experiência com o Pai, é uma experiência de amor entre Criador e criatura. A ação criadora e salvífica de Deus é contínua. Isso significa que não há uma separação radical entre as ações de Deus em favor dos seres humanos no Antigo e no Novo Testamento, mas uma continuidade diferenciada. O Deus de Israel é o mesmo Deus de Jesus Cristo que, desde sempre, tomou a decisão de salvar sua criação e o faz se manifestando, comunicando-se com a humanidade, desejando participar da vida do ser humano e, assim, partilhar de suas dores, sofrimentos, alegrias, vitórias e derrotas. O encontro com o Senhor transforma, torna a vida humana repleta de sentido.

O apelo pelo subjetivismo, pela experiência individual e pela emoção, dificulta um seguimento autêntico a Jesus Cristo e uma adesão ao projeto de instauração do Reino. O Senhor se manifesta no concreto da vida humana. A história comprova que o homem, ao afastar-se de Deus e adotar uma postura autossuficiente, perde-se nos limites da sua própria contingência. Se toda experiência religiosa é uma experiência do Sagrado, certamente a experiência do encontro é entendida como uma experiência cujo objetivo principal é a união com Deus como mistério e graça, com essa experiência, a criatura encontra no Criador o sentido último de sua existência. Contudo, isso requer a pessoa inteira, em consciência que apreende, assimila e interpreta a experiência não se contentando com as percepções sentimentais e emotivas.

A experiência do encontro da criatura com o Criador é o amor incondicional – *ágape* ou *caritas* –, que é esse vínculo de amor existente entre Deus-Pai e o Filho, amor que transborda em paixão pelo mundo até a radicalidade da morte na cruz. A cruz de Jesus revela que a transformação definitiva do mundo não se apoia na vingança, mas na incondicional confiança no projeto de Deus todo-misericordioso que promove a passagem da morte para a ressurreição. Em Jesus, a cruz é passagem, páscoa, tem sentido de salvação. Promove a vitória definitiva contra o mal, que é fundamentalmente o escondimento da verdade com o objetivo de justificar a injustiça e a dominação.

Aquele que passou a vida fazendo o bem entrega-se livremente às forças da morte, faz ver a culpa do mundo e nasce o homem novo, com isso totalmente libertado da humana divisão. A descida do Filho de Deus ao inferno do sofrimento promovido pela injustiça revela o caminho de reconciliação que é o da entrega de si em prol do reinado do amor. *Ágape* é o amor de Deus transformando as possibilidades humanas de amar,

dando condições para o estabelecimento de um vínculo fundado na gratuidade. É amor oblato, vivido na certeza que a entrega de si renova a vida porque é dessa entrega que brota vida nova, ressurreição.

Enfim, o homem é criado para ser o destinatário do amor do Pai. O desejo de relacionar-se com o ser humano é premeditado por Deus, que quer comunicar-se a si mesmo. Assim, é preciso trazer a fé para mais perto da realidade da pessoa humana que ao experimentar, encontra-se com Deus e o sentido da vida.

REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 8. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. Tradução de Euclides Martin Balancin. São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção: Creio no Espírito Santo, n.1.

DUQUE, João Manuel. Ambiguidades da secularização entre modernidade e pós modernidade. **Comunicação & Cultura**: Revista da Universidade Católica Portuguesa, Portugal, v. 11, n.º 11, 2011, p. 19 35 p. 29. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/551>>.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 2003.

MOESCH, Olavo. **A palavra de Deus**: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOLTMANN, Jurgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONDIN, Battista. **Antropologia Teológica**: História, problemas e perspectivas. Tradução de Maria Luiza Jardim de Amarante. São Paulo: Paulinas, 1979.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Tradução Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, A. Secularização e mercado religioso em Peter Berger. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. FURG – Carreiro. v. 4 n. 7, p 7- 26, jul. 2012. p. 18. Disponível em: <<https://seer.furg.br/rbhcs/article/view/10463>>.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História Humana**: Revelação de Deus. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

SILVA, Mário Correia da. Homem, que dizes de ti mesmo à Igreja? Características do homem que desafia a Igreja do Vaticano II. **De Magistro de Filosofia**, ano 10 n. 22. p. 143. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/homem-que-dizes-de-ti-mesmo%3a0igrejacaracter%3%adsticas-do-homem-que-desafia-a-igreja-do-vaticano.pdf>>.

SPOTO, Donald. **Em silêncio**: por que rezamos. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.